
*Porque o Ocidente venceu – massacre e cultura –
da Grécia antiga ao Vietnã: Victor Davis Hanson*

*Lorraine Slomp Giron**

A História norte-americana não tem se interessado, ao longo do tempo, por questões socioeconômicas; esteve mais preocupada com seu destino manifesto. Interessada no desenvolvimento econômico, criou modelos de explicação que até hoje subsistem. As correntes históricas americanas ligadas à economia são pragmáticas, utilizando a quantificação e variáveis econômicas, como Jean Marchewsky, com suas complexas séries cronológicas sobre a economia nacional.

Nem só de história econômica vive a História da América – sem adjetivos – há os historiadores da nova esquerda, entre eles alguns *brazilianists* extraordinários que elucidaram algumas questões esquecidas pela historiografia brasileira como: Warren Dean e a industrialização de São Paulo, Joseph Love com a Revolução Farroupilha, e Thomas Skidmore, que estuda as relações entre as raças no Brasil.

Há ainda os historiadores que seguem a história política, e outros, a antropológica. Alguns historiadores se debruçam sobre o destino da História como K. Windshuttle, que defende a História que está assassinada por críticos literários e os teóricos sociais, outros interessados no confronto cultural entre países ricos e pobres como D. Landes.

Há finalmente outras que estabelecem vínculos políticos e patrióticos cujos temas que estudam se confundem com a própria ótica do Estado. Algumas obras são exemplares em sua vinculação direta com o poder vigente no mundo, na década de 50, quando se preparavam as guerras dos Estados Unidos contra a parte do mundo não capitalista. Uma obra apresenta a

* Professora no Departamento de História e Geografia da Universidade de Caxias do Sul (UCS); Professora no Programa de Pós-Graduação da Universidade de Caxias do Sul (UCS); Mestre em Letras e Cultura Regional; Doutora em Ciências Sociais.
E-mail: loraines@nutecnet.com.br

justificativa para a guerra. Trata-se de W.W. Rostow e sua obra *Etapas do desenvolvimento econômico* que apresenta a guerra como o *deus ex machina* do Capitalismo. Passados 50 anos e o início de um novo milênio, outras obras seguem o mesmo rastro: *Porque o Ocidente venceu*, de Victor Davis Hanson (2002) e o *Livro de ouro das revoluções*, de Mark Almond (2003), se enquadram de forma nova e *pós-moderna* na antiga visão política estatal. Sem esquecer o prodigioso *Nosso futuro pós-humano*, de Francis Fukuyama (2003) que, depois de acabar com a História, retorna a ela com os problemas ético-políticos que confrontam o Estado com a ciência, especialmente a genética e o possível uso dos seres humanos.

Não há como negar a evidência, no mundo, de um fosso separando as explicações históricas: de um lado, a História com orientação francesa, que trata a História em seus aspectos culturais e, de outro, a de origem inglesa, seguindo alguns de seus autores a vertente do materialismo histórico. Tais diferenças na explicação histórica estão vinculadas à epistemologia e à ideologia existentes entre o pragmatismo anglo-saxão e o humanismo francês.

A história humanista de orientação antropológica se manifesta em estudos de gênero, do cotidiano e da biografia, entre outros. A biografia constitui uma espécie de retorno aos primeiros historiadores, especialmente Suetônio, que se propôs a resumir os acontecimentos do mundo dentro dos estreitos limites temporais e espaciais da vida de determinada pessoa. É o retorno aos clássicos e a retomada da crônica.

Tais mudanças vêm marcando a História desde a sua constituição como ciência. Mas algo de novo ainda acontece na primeira década do século XXI. Salvo melhor juízo, nasce, ou renasce um novo tipo de História, profundamente marcada pelo 11 de setembro. Os Estados Unidos foram criados e calcados sobre as leis naturais, tanto o país como sua legislação e sua ciência. Tal fato deriva do Iluminismo, que tenta substituir Deus pela Natureza na explicação do mundo. São os direitos naturais do homem, que tem iguais necessidades naturais, que dão a sustentação para a Revolução Americana e para sua Constituição. Por meio dela os homens são iguais e devem ser regidos por iguais direitos. Infelizmente, nem todos são iguais, os não iguais têm outras cores, outros credos, outras idéias e outras origens, sendo assim, não podem ter os mesmos direitos. No rastro do individualismo que tal postura proporciona, os americanos se tornaram herdeiros diretos tanto das leis naturais como do poder natural do mais forte ao fazer e ao impor ao mundo suas leis.

Tal posição traz duas novidades: a primeira é o surgimento do americanismo sucessor do eurocentrismo, e a segunda, decorrente da primeira, consiste na mudança do destino dos diferentes, que devem ser subjugados a uma nova ordem mundial, dividida entre os iguais e os diferentes. Inicia-se, assim, a verdadeira “instalação” da pax americana no governo dos países, e quiçá, no mundo.

A escolha da obra *Porque o Ocidente venceu*, de Victor Davis Hanson, (2002) foi devida ao âmbito que abrange (vai do século V a. C. até a Guerra do Golfo, no limiar do século XXI) e a tese que a sustenta, que se funda nas teorias racistas do século XIX e do passado e nas bases do Liberalismo político.

Victor Davis Hanson é historiador militar e professor na Universidade Estadual da Califórnia, em Fresno. O livro tem como objetivo oferecer ao leitor em geral, e não ao mundo acadêmico, um panorama da guerra ao longo de 2.500 anos, buscando suas tendências e características gerais, e demonstrar as bases culturais dos povos que lutavam, revelando os motivos (nos quais acredita) e que levaram vencedores ocidentais a dominar o mundo (Ocidente: Estados Unidos).

Seguindo a linha paradigmática da Ática (Princípios) e da Brasiliense (Primeiros Passos), a Ediouro lança uma nova coleção tratando de grandes temas como *Porque o Ocidente venceu*, com 703 páginas, apresentando gravuras e uma edição cuidadosa. A Ediouro foi responsável pela tradução e publicação de autores clássicos greco-latinos e de filósofos ocidentais, em edições de bolso baratas, sendo responsável pela difusão das ciências humanas no Brasil. Com a publicação da nova e ambiciosa série, parece ter ampliado seu âmbito de mercado. A obra, dada sua especificidade (tratadas das guerras) terá certamente um público certo entre os alunos e também entre professores de História.

A leitura da obra corre, pois Hanson escreve bem, com um estilo leve apesar de o tema ser pesado. Sendo professor de clássicos, domina as línguas clássicas o que facilita a consulta direta às fontes clássicas como textos gregos: Protágoras, Anaxágoras, Heródoto e tragédias de Ésquilo. As fontes são garimpadas para encontrar argumentos para a tese do autor.

Porque o Ocidente venceu não tem semelhança com obras de historiadores, lançadas durante o governo militar (1964-1988) que eram extremamente maçantes e, possivelmente, não tiveram qualquer papel na difusão dos ideais contra-revolucionários. Já uma obra bem fundamentada e bem-escrita torna-se um meio seguro de propagação dos ideais americanos e da superioridade do Ocidente sobre o Oriente.

Para demonstrar como os argumentos são coerentes com a tese, basta citar o caso das Guerras Pérsicas. Na Batalha de Salamina, segundo o autor, os gregos venceram “pois a liberdade, segundo acreditavam, fizera de seus guerreiros lutadores qualitativamente melhores do que os persas” (Hanson, 2003, p. 75). Também Heródoto acreditava que os guerreiros livres lutavam melhor do que os escravos, já que estavam na guerra para defender a própria liberdade. Da mesma forma, Diodoro apresenta o juramento que cada soldado fazia antes do combate: “Lutarei até a morte, e não darei mais valor à minha vida do que à liberdade” (Hanson, 2003, p. 77). Mas não só na Grécia a liberdade serviu à vitória. Em outras partes do livro, aparece como causa do desenvolvimento (p. 79), como valor (p. 82s) e como valor da civilização ocidental (p. 547 e outras).

Um dos argumentos fortes de Hanson, além da liberdade, é a igualdade. O soldado britânico que venceu os zulus acreditava que o exército representava a Inglaterra, onde seus direitos seriam respeitados. Assim “soldados individuais sabiam mais ou menos o que se esperava deles, supunham que a justiça seria aplicada de forma relativamente uniforme [...] em sua maioria seguiam ordens movidos por uma noção de justiça, e não por medo” (Hanson, 2003, p. 456). A justiça das leis ocidentais garantia a igualdade (não de bens), mas de direitos entre os cidadãos livres, em vários espaços e em vários tempos na Grécia, na Inglaterra e nos Estados Unidos. Para completar as bases da República americana, faltaria apenas a fraternidade, que para o autor se manifesta no individualismo, ou seja, no respeito ao outro em sua privacidade e em sua propriedade.

Para Hanson a expansão da racionalidade, do Capitalismo, da liberdade, da Democracia e de uma economia global pode, no futuro, limitar as guerras mundiais. Mas quando as guerras estourarem, elas serão muito mais letais e terão mais recursos de destruição que as anteriores (2003, p. 641).

O medo do autor representa a ameaça que os Estados Unidos vêem no avanço do racionalismo, da liberdade e do respeito aos direitos individuais, para outras regiões do mundo onde vivem os *diferentes*. Então, os *diferentes* se tornariam iguais em direito e em liberdade. Como postula o autor, a liberdade é a mais mortal das armas ao longo da História.